

**APRENDIZAGEM POR OBSERVAÇÃO E A SALA DE AULA COMO ESPAÇO SOCIAL DE APRENDIZAGEM: IMPLICAÇÕES DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA DE ALBERT BANDURA**

***APRENDIZAJE OBSERVACIONAL Y EL AULA COMO ESPACIO DE APRENDIZAJE SOCIAL: IMPLICACIONES DE LA TEORÍA COGNITIVA SOCIAL DE ALBERT BANDURA***

***OBSERVATIONAL LEARNING AND THE CLASSROOM AS A SOCIAL LEARNING SPACE: IMPLICATIONS OF ALBERT BANDURA'S SOCIAL COGNITIVE THEORY***



Elizabeth Matos ROCHA<sup>1</sup>  
e-mail: elizabethrocha@ufgd.edu.br



Fernando Cesar FERREIRA<sup>2</sup>  
e-mail: fernandoferreira@ufgd.edu.br



Otávio Enrique José de Oliveira RAMOS<sup>3</sup>  
e-mail: otaviojateioliveira@hotmail.com

**Como referenciar este artigo:**

ROCHA, E. M.; FERREIRA, F. C.; RAMOS, O. E. J. O. Aprendizagem por observação e a sala de aula como espaço social de aprendizagem: Implicações da teoria social cognitiva de Albert Bandura. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 27, n. 00, e023065, 2023. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v27i00.18521>



| Submetido em: 26/08/2023  
| Revisões requeridas em: 22/09/2023  
| Aprovado em: 18/10/2023  
| Publicado em: 28/11/2023

**Editor:** Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados – MS – Brasil. Profa. Dra. lotada na Faculdade de Educação a Distância da UFGD.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados – MS – Brasil. Prof. Dr. lotado na Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia da UFGD.

<sup>3</sup> Escola Estadual Profa. Bernadete Santos Leite, Jateí – MS – Brasil. Prof. Me. da Educação Básica.

---

**RESUMO:** Este trabalho apresenta a teoria social cognitiva de Albert Bandura que caracteriza a aprendizagem por observação. Objetiva-se elucidar aspectos existentes entre modelos simbólicos e agentes que remetem à aprendizagem por observação na sala de aula. A metodologia desenvolvida utilizou revisão bibliográfica, narrativa, do tipo exploratória, nos meses de abril a junho de 2023, utilizando operador booleano, da seguinte forma: Espaço AND social AND aprendizagem AND sala de aula AND observação AND Bandura. Os dados da pesquisa possibilitaram a análise de 07 artigos, distribuídos no Quadro 1 e Quadro 2, que corroboram para a compreensão da aprendizagem por observação na sala de aula. Os resultados mostram que a sala de aula, como espaço social de aprendizagem, só é possível pelo fato de que há códigos, *habitus*, que são esquemas de produção, percepção e apreciação, compreendidos pelos agentes e que sustentam a representação simbólica dos seus papéis nesse espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem. Espaço social. Observação. Sala de aula. Bandura.

**RESUMEN:** Este trabajo presenta la teoría cognitiva social de Albert Bandura que caracteriza el aprendizaje observacional. El objetivo es dilucidar aspectos que existen entre modelos simbólicos y agentes que hacen referencia al aprendizaje a través de la observación en el aula. La metodología desarrollada utilizó una revisión bibliográfica, narrativa, exploratoria, en los meses de abril a junio de 2023, utilizando un operador booleano, así: Espacio Y social Y aprendizaje Y aula Y observación Y Bandura. Los datos de la investigación permitieron el análisis de 07 artículos, distribuidos en la Tabla 1 y Tabla 2, que corroboran la comprensión del aprendizaje a través de la observación en el aula. Los resultados muestran que el aula, como espacio social de aprendizaje, sólo es posible gracias a que existen códigos, *habitus*, que son esquemas de producción, percepción y apreciación, comprendidos por los agentes y que sustentan la representación simbólica de sus roles. en este espacio.

**PALABRAS CLAVE:** Aprendiendo. Espacio social. Observación. Aula. Bandura.

**ABSTRACT:** This work presents Albert Bandura's social cognitive theory that characterizes observational learning. The aim is to elucidate aspects that exist between symbolic models and agents that refer to learning through observation in the classroom. The methodology developed used a bibliographical, narrative, exploratory review, in the months of April to June 2023, using a Boolean operator, as follows: Space AND social AND learning AND classroom AND observation AND Bandura. The research data enabled the analysis of 07 articles, distributed in Table 3 and Table 4, which corroborate the understanding of learning through observation in the classroom. The results show that the classroom, as a social learning space, is only possible because there are codes, *habitus*, which are schemes of production, perception, and appreciation, understood by the agents and which support the symbolic representation of their roles in this space.

**KEYWORDS:** Learning. Social space. Observation. Classroom. Bandura.

## Introdução

A visão de educação idealista, voltada, sobretudo, à formação de crianças pobres e órfãs, advém do educador Johann Pestalozzi, cujo modelo pedagógico de ensino baseava-se em estimular a aprendizagem memorística focada na observação e na experimentação, no sentido de respeitar a gradação maturacional da criança (COLETTA *et al.*, 2018).

Nessa mesma perspectiva, o psicólogo Willian James (1842-1910), defendia a importância da observação do ensino e da aprendizagem “em sala de aula para aprimorar a educação”, como ressalta Santrock (2009, p. 2-3), na leitura de Coletta *et al.* (2018, p. 15). Mais recentemente, na década de 1980, o Psicólogo canadense Albert Bandura, seguindo a linha da observação na busca por compreender sobre a aprendizagem, especialmente no ambiente educacional, apresenta sua teoria da aprendizagem social por meio da observação, com o intuito de “saber como as pessoas influenciam umas às outras e como são adquiridos os comportamentos sociais por imitação”, como aponta Lefrançois (2018, p. 366).

Nesse sentido, a aprendizagem social se vincula à mudança de comportamento decorrente das interações sociais, que remete “ao processo pelo qual aprendemos” ou, ainda, aos adequados comportamentos que são esperados quando em atendimento às regras de determinada sociedade, e, nesse caso, se refere “ao produto da aprendizagem”, como aponta Lefrançois (2018, p. 365).

A teoria de Bandura (1986) utiliza tanto conceitos desenvolvidos no condicionamento operante de Skinner (1954), como se utiliza, também, de aspectos da teoria cognitiva, quando, por exemplo, leva em consideração o pensamento, o raciocínio, a lógica e os comportamentos sociais.

A influência de ambas as teorias, behaviorista e cognitivista, caracterizam sua teoria da aprendizagem social pela observação como uma teoria cognitivo-comportamental, pois, na visão de Bandura (1986), as pessoas socialmente inseridas recebem o tempo inteiro influências comportamentais decorrentes de diversos e variados modelos, sejam dos familiares, dos colegas e professores no ambiente escolar, na igreja, no clube, enfim, onde existirem as interações humanas.

Percebe-se, portanto, que a observação da reação do outro na interação escolar tem sido uma ação importante que contribui para o desenvolvimento do ser humano em decorrência da potencial mudança de comportamento, como visto desde Pestalozzi.

Considerando que comportamentos imitativos, de acordo com a teoria de Bandura, tornam-se parte integrante e relevante da aprendizagem por observação, este texto tem como

objetivo apresentar argumentos que contribuam para elucidar aspectos da teoria social de Bandura relacionados à interação entre modelos simbólicos e agentes que remetem à aprendizagem por observação na sala de aula, enquanto espaço social.

Para isso, levanta alguns questionamentos: Como se constitui a aprendizagem por observação? O que é um espaço social? Em que aspectos, sob a perspectiva da adequação conceitual é possível compreender a sala de aula como espaço social? Considerando que Bandura também alicerça sua teoria na vertente social cognitiva, há elementos que ajudem a identificar o espaço da sala de aula no apoio à formação social da mente?

Para maior compreensão dessas questões, além desta introdução, este texto apresenta as características da teoria social cognitiva de Albert Bandura, bem como aborda as concepções que remetem ao espaço social e insere a sala de aula nesse contexto. Este trabalho apresenta, ainda, o caminho metodológico e a discussão com enfoque na viabilidade da sala de aula como espaço social e sua relação com aprendizagem a partir da observação do outro, enquanto modelo.

### **Aprendizagem por observação sob a perspectiva de Bandura**

A aprendizagem, de acordo com Lefrançois (2018, p. 5) “é definida como toda mudança relativamente permanente no potencial de comportamento, que resulta da experiência, mas não é causada por cansaço, maturação, drogas, lesões ou doenças”.

É importante trazer o conceito de aprendizagem para que sirva de baliza na análise sobre a influência da observação do outro no aumento do potencial e da motivação que evidenciem mudanças no potencial de comportamento, ou seja, daquilo que se faz ou que se deixa de fazer.

Finalmente, se o processo de aprendizagem humana pode ser compreendido, de maneira geral, como a aquisição de informações específicas e a mudança de comportamento, esse fenômeno certamente resulta da interação com algo ou alguém, originando-se de uma experiência vivida. Isso ocorre mesmo que, enquanto seres humanos, compartilhem características biológicas semelhantes, possuímos personalidades diversas e formas distintas de pensar e aprender.

Dos diversos tipos de aprendizagem, este trabalho enfatiza aquela que decorre da imitação por meio da observação de um modelo, advindo do convívio social, que, de modo algum, deve ser vinculado apenas ao ato de observar e de repetir, de forma mecânica, o que outra pessoa faz. O conhecimento decorrente da observação espelhada em outra pessoa

evidencia “que além de aprender o comportamento observado, as pessoas são capazes de adaptá-lo e assim, originar novas formas de comportamento e expô-los quando requerido, inclusive, em outros contextos”, como apontam Iaochite *et al.* (2019, p. 376).

A imitação do outro, sob a perspectiva observacional, deve ser interpretada como uma busca intencional para assimilar um modelo atitudinal que atenda a uma necessidade de interação comunicativa relacionada à aquisição de conhecimento específico, aceitação social, ampliação da empatia com o próximo ou até mesmo fortalecimento da própria segurança emocional. A imitação, portanto, é “seletiva” e “não é um fim em si mesma”, conforme afirmado por Campos (1987, p. 74).

Considerando, portanto, a imitação como ação que ressignifica o aprendizado de quem imita, Piaget (1982, p. 24-25) defende que as “relações interindividuais existem em germe desde a segunda metade do primeiro ano, graças à imitação, cujos progressos estão em íntima conexão com o desenvolvimento sensório-motor”. Piaget (1982) caracteriza as relações interindividuais como decorrentes da ação comunicacional entre as pessoas. Nessa mesma linha, Vygotsky (1994, p. 110) defende que é “através da imitação dos adultos e através da instrução recebida de como agir” que a criança aumenta não apenas seu aprendizado, mas também o seu próprio desenvolvimento, como, por exemplo, a aquisição da fala.

Ao constatar que tanto Piaget (1982) como Vygotsky (1994), dois pilares das teorias cognitivas, assumiram em suas pesquisas que o ser humano aprende por meio da observação do outro, isso nos mostra que a imitação se trata de uma estratégia que influencia o desenvolvimento mental do indivíduo a partir de comportamentos observáveis que, de forma intencional, estimula a cognição. Lefrançois (2018, p. 237) traz uma fala, baseada na pesquisa de Piaget, sobre imitação:

Em contraposição, a imitação é primariamente acomodação. Quando estão imitando, as crianças modificam seu comportamento de acordo com as demandas que lhes são impostas pelo seu desejo de ser algo que não são, ou para parecer com outra pessoa. Piaget argumenta que, pela imitação da atividade, os repertórios comportamentais das crianças se expandem e gradualmente começam a ser interiorizados. Interiorização é, na terminologia de Piaget, equivalente à formação de conceitos mentais. Interiorização é o processo pelo qual as atividades e eventos do mundo real adquirem representação mental. Assim, primeiro vem a atividade, e então, a representação mental dela. A interiorização é a base da aprendizagem cognitiva.

Partindo da ideia de que há uma ação consequente entre a observação do outro e, em decorrência disso, há aprendizagem, Bandura (1986) formulou “uma teoria social cognitivista do comportamento humano”, como ressalta Lefrançois (2018, p. 366). Na sua teoria, Bandura (1986) defende a imitação, ou aprendizagem por observação, como fator prevalente do comportamento social do indivíduo.

A perspectiva da aprendizagem decorrente da observação vicária, de acordo com os estudos desenvolvidos por Albert Bandura, relaciona-se à imitação de modelos, visto que se inserem em contextos de aplicação associativa que envolve ação e reação, dado um comportamento realizado e uma consequência decorrente. No entanto, apesar de trazer elementos na sua teoria que se vinculam tanto ao aspecto behaviorista como cognitivista, Bandura (1986), critica ambas teorias e insere elementos que agregam valor diferenciado à sua própria teoria. Aguiar (1998, p. 64) nos ajuda a compreender melhor essa questão:

O aspecto distinto da teoria de Bandura é a inclusão de processos mediadores de natureza cognitiva, dentre os quais se ressaltam os mecanismos simbólicos de autorregulação, na explicação da aquisição de comportamentos sociais, verbais, motores, morais e cognitivos, considerados como comportamentos complexos. O autor critica, na teoria behaviorista radical, a construção de esquemas explanatórios baseados numa só forma de controle comportamental, o reforçamento externo, com relativa negligência de outras variáveis e processos internos e vicários, a seu ver, influentes. Critica igualmente os cognitivistas por terem estado exclusivamente preocupados com processos internos. Considera que uma teoria compreensiva do comportamento humano tem que englobar três fontes de regulação do comportamento: o controle por meio de estímulos, o controle por meio de processos simbólicos internos (encobertos) e o controle pelas consequências.

Essas fontes de regulação do comportamento, por parte do modelo, remetem ao conceito de agência humana, por parte do observador, que “consiste no gerenciamento que cada indivíduo faz acerca de suas ações”, como afirma Hohendorf (2017, p.3), inspirado em Bandura. Ou seja, o ser humano, enquanto indivíduo, “cria, modifica e destrói o seu entorno”, como ressaltam Barros e Batista-dos-Santos (2010, p.2) na abordagem da autoeficácia.

Na aprendizagem por observação, os processos de atenção, retenção, reprodução motora e motivação estão intrinsecamente ligados ao agente observador. O agente, que realiza a imitação, é caracterizado pela intencionalidade, capacidade de previsão, autorreatividade e autorreflexão. Ele busca eficácia tanto em nível pessoal quanto coletivo, uma vez que o cenário de aprendizagem proposto envolve modelos, pessoas (atores sociais), situações planejadas e metas a serem alcançadas, configurando assim situações de ensino.

Lefrançois (2018, p. 384) ao tecer explicações sobre a teoria social de Bandura, deixa claro que a “aprendizagem por observação diz respeito à aprendizagem pela imitação de modelos” e que os “professores usam exaustivamente modelos em sala de aula”. Considerando, portanto, que a sala de aula é um dos ambientes geográficos que compõem a escola e que, no âmbito desta pesquisa, se configura como aspecto importante pelas importantes interações interpessoais que nela acontecem nos períodos letivos, trataremos, no próximo tópico, sobre o conceito de espaço social com o intuito de compreendê-la nesse contexto.

### **O conceito de espaço social e a sala de aula como espaço social de aprendizagem**

A escola é reconhecida como um espaço social, assim como diversos outros ambientes que compõem a experiência das pessoas, nos quais elas expressam-se cultural, intelectual e emocionalmente por meio da linguagem, seja no trabalho, clube, igreja, entre outros. Contudo, conceitualmente, o que define um espaço social?

A resposta a essa indagação vai além da mera identificação do local geográfico, como exemplificado no caso da escola usado para ilustrar o espaço social. É necessário adentrar na fundamentação conceitual desse termo. Para isso, nesta pesquisa utilizou-se a teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), pela “singular capacidade em conciliar sinteticamente pares de opostos, tais como pesquisa teórica e pesquisa empírica, teoria das estruturas e teoria da prática” como enfatizam Rodrigues e Narciso (2019, p. 682).

Tal característica singular de Bourdieu e sua interlocução com as teorias de Durkheim e Weber, contribuem para a ressignificação prática conceitual de *habitus*, “tendo como objetivo discutir a articulação entre o agente e a estrutura social/condições objetivas”, como ressaltam Baldino e Donencio (2014, p. 264). A ideia de *habitus* ajudará a compreender o espaço social. Bourdieu (2004, p. 158), considerando as pessoas como agentes integrantes do sistema social, define *habitus* como sendo “as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são, em essência, produto da interiorização das estruturas do mundo social”. Ainda sobre *habitus*, Bourdieu (2004, p. 158) esclarece

O *habitus* é, ao mesmo tempo, um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que

possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender o seu sentido social.

A escola, nessa perspectiva, é um sistema em que transitam diversas percepções e de apreciações de prática, em que os agentes, mais especificamente, na relação dialógica professor e estudantes, desenvolvem *habitus* justamente porque compõem um sistema simbólico, em que cada um ocupa seu lugar de representação social. Sobre essa perspectiva, Baldino e Donencio (2014, p. 267) ressaltam que “os *habitus* individuais são produtos da socialização por diferentes sistemas e em espaços distintos, como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos”. Logo, a escola é um sistema simbólico, enquanto estrutura estruturante e estruturada. Sobre isso Bourdieu (1989, p. 9) quando afirma que:

“Os sistemas simbólicos”, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante, porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”

Os sistemas simbólicos, desta forma, compõem a base do espaço social, na medida em que os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”, como aponta Bourdieu (1989, p. 10). Bourdieu (2004, p. 160) afirma que o espaço social “apresenta-se sob a forma de agentes dotados de propriedades diferentes e sistematicamente ligadas entre si” e que “tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida”. Seguindo essa linha de raciocínio, Pinçon e Pinçon-Charlot (1999, p. 14) complementam que “o ser humano é construído pela sociedade, pela sua experiência no mundo social”. E a escola, enquanto instituição social, contribui para o fortalecimento da identidade humana.

O espaço social, portanto, sob a construção teórica de Bourdieu (2004, p. 26), se configura como “espaço de lutas históricas”, possui “agentes”, que desenvolvem *habitus* de acordo com sua “posição no espaço social” e “estruturas mentais” que os ajudam a apreender esse espaço. A escola apresenta essas características, logo é um espaço social. E a sala de aula pode, igualmente, ser considerada como um espaço social?

Como sala de aula, muitas podem ser suas concepções. Para Novelli (1997, p. 49), “O espaço da sala de aula não somente resulta da relação professor-aluno, mas também age sobre

tal relação, condicionando-a e domesticando-a”. Na perspectiva de Munsberg e Felicetti (2014, p. 2), “A sala de aula é o espaço em que ensinante e aprendente interagem mutuamente, pois ambos são sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem”. Já na visão de Beck (2016), a sala de aula representa um ambiente educativo modelado, estabelecido em meio físico, em que nele se apresentam e se desenvolvem interações humanas que visam trocas didáticas, numa situação de ensino e de aprendizagem.

Nas percepções dos autores apresentados, há convergência de pensamento quando afirmam a necessidade do espaço físico, bem como as relações de trocas intelectuais entre as pessoas que desempenham papéis distintos. Tais aspectos se aproximam da perspectiva de espaço social identificado na teoria de Bourdieu (2004), como a presença de agentes diversos e diversificados que se relacionam, sistema simbólico e *habitus*, de modo que constata-se que a sala de aula é, também, um espaço social em que acontece, de forma estruturada, a troca de saberes.

Considerando, portanto, que a sala de aula é um espaço social no qual as trocas dialógicas, interações sociais e *habitus* se desenvolvem de forma regulamentada e regulada pela presença dos agentes sociais, representados pelo professor e seus estudantes, configura-se a aprendizagem social. Esse paradigma influencia nos comportamentos individuais e coletivos, levando em consideração as regras socialmente estabelecidas em uma sala de aula, como o debate, o raciocínio e a lógica, remetendo, assim, ao "produto da aprendizagem", conforme indicado por Lefrançois (2018, p. 365).

Enquanto espaço social, a sala de aula, na perspectiva de Bandura (2001), favorece a teia de relações em que o comportamento dos agentes e o ambiente geram mutuamente influência e modificação. No próximo tópico, foi abordado o procedimento metodológico que viabilizou encontrar dados atuais sobre esse tema.

## Metodologia

Esclarecemos que as discussões realizadas neste artigo foram motivadas a partir da dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados e decorrem de escrita conjunta do orientado, orientador e coorientadora.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feita, portanto, uma revisão bibliográfica narrativa, do tipo exploratória (SOUSA *et al.*, 2018). Para extração dos dados, a pesquisa

utilizou, em dois momentos, nos meses de abril a junho de 2023, o operador booleano AND com palavras-chave, em duas perspectivas distintas, o que gerou a Tabela 1 e a Tabela 2, abaixo apresentadas.

Cada Tabela apresenta o próprio critério de delimitação da pesquisa e, em ambas, foram consideradas pesquisas na sala de aula presencial, do ensino fundamental, médio e superior. A abordagem conceitual da aprendizagem considerada nesta pesquisa se vincula ao aspecto da observação elencado por Bandura (1986), tendo em vista a influência que a mente do estudante sofre, a partir da influência do ambiente social e dos demais agentes sociais, no qual estão inseridos.

Os critérios estabelecidos na busca quantitativa e que geraram os dados tabelizados foram: 1. seleção de textos apenas em português; 2. recorte temporal de 2018 a 2023, a fim de dar ênfase à literatura mais atualizada sobre o tema; 3. pesquisa em bases de dados que disponibilizam gratuitamente seus materiais, em que se optou pelas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo.br e Science Direct; 4. escolha apenas de artigos científicos, pela possibilidade de obtenção de pesquisas mais consistentes, descartando, portanto, as demais produções que retornaram da busca; 5. o último critério foi que a análise dos resultados seria vinculada às dez primeiras páginas retornadas das bases consultadas.

Na primeira busca, que gerou os dados da Tabela 1, foram utilizadas cinco palavras-chave, destacadas em negrito: o **espaço AND social AND aprendizagem AND escola AND Bandura**. A pesquisa feita no Google Acadêmico retornou 3140 resultados, sendo analisados em torno de 100 trabalhos nas 10 primeiras páginas, de modo que apenas 4 foram selecionados pela afinidade com o objeto desta pesquisa. A base Scielo.br e a Science Direct não retornaram resultados.

**Tabela 1** – Apenas trabalhos que tratam da **escola** como espaço social de aprendizagem

TIPO	QUANTIDADE - PESQUISA FEITA DE 2018 A 2023 Palavras-chave: <b>Espaço AND social AND aprendizagem AND escola AND Bandura</b>		
	GOOGLE ACADÊMICO - Retornou 3140 trabalhos	SCIELO - Retornou 0 trabalhos	SCIENCE DIRECT - Retornou 0 trabalhos
Artigo	4	0	0
TOTAL	4	0	0

Fonte: Elaborada pelos próprios autores

Os dados da Tabela 2, que seguiram os mesmos critérios e sites de busca da Tabela 1, sendo que foram utilizadas as seguintes palavras-chave, também, destacadas em negrito e com uso do operador booleano AND: **Espaço AND social AND aprendizagem AND sala de aula AND observação AND Bandura**. A partir da segunda busca empreendida, o Google Acadêmico retornou 1840 resultados, em que a análise dos trabalhos obtidos por meio das 10 primeiras páginas totalizou 100 trabalhos, dos quais apenas 3 corresponderam ao cerne desta pesquisa. As duas outras bases de dados, Scielo Br e Science Direct não retornaram trabalhos.

**Tabela 2** – Apenas trabalhos que tratam da **sala de aula** como espaço social de aprendizagem por meio da observação

TIPO	QUANTIDADE - PESQUISA FEITA DE 2018 A 2023 Palavras-chave: <b>Espaço AND social AND aprendizagem AND sala de aula AND observação AND Bandura</b>		
	GOOGLE ACADÊMICO - Retornou 1840 resultados	SCIELO - Retornou 0 trabalho	SCIENCE DIRECT - Retornou 0 trabalho
Artigo	3	0	0
TOTAL	3	0	0

Fonte: Elaborada pelos próprios autores

No próximo tópico, serão apresentadas as discussões acerca dos textos encontrados. É relevante ressaltar, contudo, que foram considerados apenas aqueles que abordam a escola como um espaço social de aprendizagem e a sala de aula como um ambiente que favorece a aprendizagem por meio da observação.

## Resultado e discussão da pesquisa

Os dados obtidos na Tabela 1 resultaram no Quadro 1 apresentado abaixo e que passam a constar nas referências deste trabalho.

**Quadro 1** – Escola como espaço social de aprendizagem

<b>Título do Artigo extraído do Google Acadêmico</b>	<b>Descrição sucinta</b>	<b>Proximidade com o objeto do Quadro 1</b>
1. A autorregulação e o uso de estratégias de aprendizagem no curso de licenciatura em geografia da Universidade Federal de Pelotas. (BURKET; SANTOS; DIAS, 2019).	Abordagem teórica do conceito de aprendizagem regulada prevista na Teoria Social cognitiva de Albert Bandura, com extração de resultados por meio de questionário e indica possibilidade de aplicação futura no espaço educacional.	<b>Total</b> , pois dá ênfase à autorregulação e transita pelo conceito da aprendizagem por meio da interação social e possível aplicação no espaço educacional escolar.
2. Autorregulação da aprendizagem: Construto e perspectivas de intervenção na escola. (DIAS; BONELLI, 2020).	Aborda a autorregulação da aprendizagem na escola tendo a interação entre os sujeitos como aspecto de motivação a partir da regulação do comportamento.	<b>Total</b> , pois toma a escola como espaço social que promove a autorregulação e estimula a aprendizagem a partir das experiências coletivas.
3. Potencialidades da aprendizagem observacional para o ensino inclusivo em educação física. (IAOCHITEI <i>et al.</i> , 2019).	Investiga a autoeficácia com pesquisados de educação física, como subsídio à preparação do professor para melhorar seu ensino, tendo como ênfase a experiência vicária.	<b>Total</b> , pois assume a aprendizagem, decorrente da autoeficácia, por meio da observação no ambiente escolar.
4. A influência dos pares na aprendizagem: como as atitudes e comportamentos dos colegas podem afetar a motivação e o desempenho dos alunos. (COSTA JÚNIOR <i>et al.</i> , 2023).	Assume a importância dos pares no auxílio à aprendizagem, configurando a interação social, resultando em autoeficácia.	<b>Total</b> , pois leva em conta a autoeficácia em comparação com o outro, com potencial para aprendizagem por meio da observação.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores

A análise dos quatro artigos mostra que os autores reconhecem a importância da Teoria Social Cognitiva de Bandura quando apontam, mesmo em suas especificidades de pesquisa, aspectos convergentes que validam o papel do outro no fortalecimento à aprendizagem em meio social escolar. As quatro pesquisas mostram modelos simbólicos, agentes que se observam e imitam os comportamentos aprendidos, no espaço social mais amplo, seja em um curso de graduação, seja na escola.

De forma mais específica, a sala de aula como espaço social traz como resultado da Tabela 2, o Quadro 2, apresentado abaixo:

**Quadro 2 – A sala de aula como espaço social de aprendizagem por meio da observação**

<b>Título do Artigo extraído do Google Acadêmico</b>	<b>Descrição sucinta</b>	<b>Proximidade com o objeto do Quadro 2</b>
1. Albert Bandura e o ensino de ciências na educação de jovens e adultos. (FARIAS, 2019).	Aborda a Teoria Social Cognitiva de Bandura aplicada ao EJA, em busca do alcance da aprendizagem nas práticas da sala de aula.	<b>Total</b> , pois busca olhar mais acurado de como as interações entre os agentes acontecem no espaço da sala de aula, com ênfase na observação.
2. Desenvolvimento Humano e o “Ser Docente”: concepções a partir da experiência de educador com uma turma de sexto ano. (MORAES; PIRES; CASTRO, 2019).	O trabalho aborda o sujeito com ser biopsicossocial, pois seu desenvolvimento sofre influência do meio em que vive. Destaca aprendizagem por meio da observação do outro.	<b>Total</b> , visto que o experimento ocorre dentro de uma sala de aula do 6º ano, o que configura a abordagem do tema de forma prática e não só teórica. Usa o termo Tendência Grupal para fortalecimento das relações sociais.
3. Aprendizagem, modalidades e dificuldades de aprendizagem: o trabalho de prevenção do psicopedagogo na instituição. (PEREIRA, 2021).	Faz um levantamento bibliográfico sobre aprendizagem e defende que o profissional psicopedagogo precisa conhecer o estilo de aprendizagem adequado ao aprendente.	<b>Parcial</b> , pois se utiliza da Psicopedagogia como lupa aos agentes professor e estudante em situação de ensino e aprendizagem na sala de aula.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores

Dos três artigos analisados, dois abordam a sala de aula como um espaço de interação entre os sujeitos, representados pelos agentes, sendo o professor e o estudante. Esses artigos consideram esse ambiente propício para a aprendizagem por meio da observação, destacando a

influência que o outro exerce sobre cada indivíduo, independentemente da área de conhecimento abordada.

O construto teórico explorado nesta pesquisa, corroborado pelos artigos analisados, evidencia que os comportamentos imitativos tornam-se parte integrante da aprendizagem por meio da observação. Entretanto, ressalta-se que essa ação não é passiva, uma vez que o agente é ativo, intencional, previsível, autorreativo e autorreflexivo. No contexto da sala de aula, considerada um espaço social, essas características estimulam a realização de ações pautadas tanto no aspecto pessoal quanto no coletivo.

Nos seis trabalhos alinhados à busca por indícios que caracterizam a escola e a sala de aula como espaços sociais, verifica-se que os artigos 1 e 2 (Quadro 1) destacam que a autorregulação contribui para uma maior compreensão e motivação individual, ao mesmo tempo em que se configura como o código utilizado entre os agentes sociais. Os artigos 3 e 4 (Quadro 1) e Artigo 1 (Quadro 2) trazem a autoeficácia como código social que gera nos agentes o efeito da comparação de uns sobre os outros. O artigo 2 (Quadro 2) reforça, além da autoeficácia, o conceito de Tendência Grupal (KNOBEL, 1981), que, no âmbito deste trabalho, pode ser considerado um signo social vinculado à aceitação do outro para se estabelecer no grupo. Por fim, o artigo 3 (Quadro 2), analisa a aprendizagem do sujeito, a partir da formação do psicopedagogo, mas defende a aprendizagem como processo que também envolve interações entre os agentes escolares.

Observa-se, portanto, que os códigos desenvolvidos pelos agentes representam, na verdade, os modelos simbólicos, *habitus*, que atuam como esquemas de produção, percepção e apreciação das práticas que se desdobram no espaço social da sala de aula. Esses códigos têm o potencial de resultar em mudanças de comportamento, caracterizando, assim, a aprendizagem tanto a nível individual quanto coletivo.

### **Considerações finais**

A partir dos estudos realizados nesta pesquisa, chegamos à conclusão de que a sala de aula é um espaço social que favorece a aprendizagem por meio da observação do outro. O fato de haver aprendizagem por observação não implica que a ação de observar seja alienante, mecânica, desprovida de reflexão e posicionamento por parte de quem observa o modelo imitado. Observar o outro para aprender com o outro não aliena, justamente pelo fato de que a

inteligência humana lida o tempo inteiro com situações cotidianas, que, em linhas gerais, ajuda que a pessoa se posicione de maneira mais consciente e eficiente (RAMOS, 2023).

No âmbito deste trabalho, não foram utilizados conceitos vinculados à sala de aula invertida pelo fato de que entendemos se tratar de uma metodologia de ensino, na mesma perspectiva de compreensão de Pavanelo e Lima (2017, p. 742), quando afirmam se tratar de “uma técnica educacional que consiste em duas partes: atividades de aprendizagem interativas em grupo em salas de aula e orientação individual baseada em computador fora da sala de aula”.

De toda maneira, ao empregar essa técnica educacional, quando o professor e seus estudantes se reúnem na sala de aula, seja como um espaço geográfico físico ou virtual, o momento interativo desses agentes educacionais configura-se como um comportamento social, *habitus*, na perspectiva de Bourdieu. Nesse contexto, não importa se o professor esclarecerá dúvidas específicas dos estudantes ou se abordará uma teoria conceitual específica.

A sala de aula, enquanto espaço social de aprendizagem, torna-se viável devido ao fato de que as pessoas atribuem significado à ação, desejando participar e desenvolver a representação simbólica de seus papéis nesse ambiente. Esse processo exige naturalmente participação sensorial, motora e cerebral, uma vez que, como explicado por Bandura (2001, p. 4) citado por Lefrançois (2018, p. 380), “elas são agentes das experiências, e não apenas submissas a elas”.

Sendo agentes ativos, Bandura (1986), em sua teoria social cognitiva, destaca a aprendizagem por observação, enfatizando a influência real dos modelos simbólicos, que possuem intencionalidade, previsibilidade, auto reatividade e autorreflexão na aquisição da aprendizagem. Isso é feito em busca de alcançar eficácia pessoal e coletiva, desenvolvendo, em conformidade com esses modelos simbólicos, o *habitus*.

Quando o professor tem consciência desse universo teórico, pode se utilizar do conceito de *habitus* professoral, e realinhar sua prática didático-pedagógica do ato de ensinar, como aponta Silva (2005), assumindo-se como modelo simbólico (agente) no espaço social da sala de aula. Essa percepção de modelo pedagógico, de olhar o outro, sob a perspectiva da observação, tem sido validada, como visto, por pensadores como Pestalozzi e James. Isso apenas ressalta que, tanto eles, quanto Bandura e nós, os professores de todas as épocas da história, estamos em busca do aperfeiçoamento do ensino e da aprendizagem e da educação como um todo.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. S. Aprendizagem observacional. **Revista de Educação**, Campinas, SP, v. 3, n. 5, p. 64-68, nov. 1998. Disponível em <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/438/418>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BALDINO, J. M.; DONENCIO, M. C. B. O habitus professoral na constituição das práticas pedagógicas. **Polyphonía**, Goiânia, v. 25/1, 2014. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Maria-Concei%C3%A7%C3%A3o-Barbosa-Donencio.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.
- BANDURA, A. **Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.
- BANDURA, A. Social cognitive theory: An agentic perspective. **Annual Review of Psychology**, [S. l.], v. 52. p. 1-26, 2001. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.psych.52.1.1>. Acesso em: 3 ago. 2023.
- BARROS, M.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. **Revista Espaço Acadêmico**, [S. l.], v. 10, n. 112. p. 1-9, set. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/espacoacademico/article/view/10818>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- BECK, C. Sala de Aula: uma nova percepção. **Andragogia Brasil**, 28 dez. 2016. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/sala-de-aula/>. Acesso em: 3 ago. 2023.
- BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BURKET, F. A.; SANTOS, C. B.; DIAS, L. C. A autorregulação e o uso de estratégias de aprendizagem no curso de licenciatura em geografia da universidade federal de pelotas. **Ateliê de pesquisas e práticas em ensino de geografia**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 3140-3150, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3142/3005>. Acesso em: 10 maio 2023.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- COLETTA, E. D. *et al.* **Psicologia da educação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: SAGAH, 2018.
- COSTA JÚNIOR, J. F. *et al.* A influência dos pares na aprendizagem: como as atitudes e comportamentos dos colegas podem afetar a motivação e o desempenho dos alunos. **Revista Educação, Humanidades e Ciências Sociais**, Itabuna, BA, v. 07, n. 13. p. 2-25, jan./jun.2023. Disponível em: <https://periodicos.educacaotransversal.com.br/index.php/rechso/article/view/73>. Acesso em: 8 jun. 2023.

DIAS, A. M. B.; BONELLI, S. M. S. Autorregulação da aprendizagem: Construto e perspectivas de intervenção na escola. **Caderno Marista de Educação**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 30-43, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/caderno-marista-de-educacao/article/view/39596>. Acesso em: 10 maio 2023.

FARIAS, L. S. Albert Bandura e o ensino de ciências na educação de jovens e adultos. **Scientia Naturalis**, Rio Branco, AC, v. 1, n. 5, p. 184-193, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SciNat/article/view/3017>. Acesso em: 8 jun. 2023.

HOHENDORF, J. V. A agência humana coletiva é fundamental à publicação científica. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, RS, v. 9, n. 1, p. 3-4, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v9n1/01.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.

IAOCHITEI, R. T. *et al.* Potencialidades da aprendizagem observacional para o ensino inclusivo em educação física. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, SP, v. 29 n. 61, p. 370-378, 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eduteo/v29n61/1981-8106-eduteo-29-61-370.pdf>. Acesso em: 8 jun 2023.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. *In*: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981. p. 24-62.

LEFRANÇOIS, G. R. **Teorias da aprendizagem: o que o professor disse**. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

MORAES, G. P.; PIRES, F. L. B.; CASTRO, G. D. Desenvolvimento humano e o “ser docente”: concepções a partir da experiência de educador com uma turma de sexto ano. **Revista Insignare Scientia**, Cerro Largo, RS, v. 2, n. 4. p. 314-331, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11012/7333>. Acesso em: 8 jun. 2023.

MUNSBERG, J. A. S.; FELICETTI, V. L. A sala de aula como espaço de formação mútua dos sujeitos. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO COMPARADA, 6., 2014, Bento Gonçalves. **Anais [...]**. [S. l.: s. n], 2014. Disponível em: <https://www.sbec.fe.unicamp.br/node/1695>. Acesso em: 9 out. 2023.

NOVELLI, P. G. The classroom as a space for communication: reflections on the theme. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, SP, v. 1, n. 1, p. 43-50, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/c58M6Bc7KNHW3Rp35zRBzMr/?format=pdf>. Acesso em: 3 ago 2023.

PAVANELO, E.; LIMA, R. Sala de Aula Invertida: a análise de uma experiência na disciplina de Cálculo I. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 31, n. 58, p. 739-759, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/czkXrB369jBLfrHYGLV4sbb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2023.

PEREIRA, L. A. Aprendizagem, modalidades e dificuldades de aprendizagem: o trabalho de prevenção do psicopedagogo na instituição. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em**

**Debate**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 169-189, 2021. Disponível em: <https://revistas2.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/view/684>. Acesso em: 8 jun. 2023.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária Ltda, 1982.

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, Monique. A teoria de Pierre Bourdieu aplicada às pesquisas sobre a grande burguesia: uma metodologia plural para uma abordagem pluridisciplinar. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 25, p. 11-20, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23664/21259>. Acesso em: 2 ago. 2023.

RAMOS, O. E. J. O. **Contribuições da teoria social cognitiva de Albert Bandura para compreensão da aprendizagem por observação no espaço da sala de aula: docentes e discentes enquanto agentes das experiências**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2023. Disponível em <https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>. Acesso em: 19 out. 2023.

RODRIGUES, L. P.; NARCISO, P. F. Teoria Social: vinte lições fundamentais. **Caderno C R H**, Salvador, v. 32, n. 87, p. 679-683, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/gSkWL88w3XNhKpbPsNVwDFb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SANTROCK, J. W. **Psicologia educacional**. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2009.

SILVA, M. O *habitus* professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 29, p.152-163, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LdBdvGQ66DwZBCTXx8qnRcd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SKINNER, B. F. The science of learning and the art of teaching. **Harvard Educational Review**, [S. l.], n. 24, p. 86–97, 1954. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1955-02985-001>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SOUSA, L. M. M. *et al.* Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem**, Silvalde, v. 1, n. 1, p. 45-54, 2018. Disponível em: <https://rper.aper.pt/index.php/rper/article/view/20>. Acesso em: 8 jun. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Agradecemos ao PPGEcMat pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa. Agradecemos, ainda, os estudantes voluntários que participaram da pesquisa de Mestrado, cujos estudos contribuíram para a escrita deste artigo.

**Financiamento:** Agradecemos o financiamento da PROPP/UFGD para publicação deste artigo.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** A pesquisa que gerou este trabalho passou pelo Comitê de Ética da UFGD, obtendo parecer favorável.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso na internet pela disponibilização do link das pesquisas nas referências bibliográficas.

**Contribuições dos autores:** A escrita e revisão do artigo foi feita de forma colaborativa pelos autores. A autora 1 fez o levantamento bibliográfico do artigo. Os autores 2 e 3, contribuíram com levantamento de dados durante a pesquisa de campo sobre aprendizagem por observação, o que resultou na necessidade de investigar, de forma mais acurada, a sala de aula como espaço social de aprendizagem.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

